

DIANA VAZ – pintora, curadora, produtora cultural e sócia da Pequena Galeria

[São Paulo – SP]

Ser Brasileira

2021

Em ***Eu Nikkei***, a artista Marjô Mizumoto apresenta obras que retratam sua família e seu cotidiano. Sua pintura busca resgatar e atualizar a arte do retrato, trazendo novamente a imponência das dimensões e da técnica de pintura a óleo; os símbolos e as histórias que cada elemento pode contar; e a eternização de um momento, que pode ter sido vivido por muitas outras pessoas.

Nas palavras da artista: “sou parte de uma história, embora que ainda em construção. Acredito que o simples ato de viver é político e o registro da vida é a História que deixamos para as futuras gerações. O agora é pura nostalgia. Queremos gravar palavras, momentos e sentimentos; registrar tudo que podemos hoje para o amanhã. Vivemos pelas memórias, sem elas praticamente não existimos.”

E foi em busca de sua própria história e da memória de seus antepassados que a artista passou a refletir sobre sua identidade. Neta (por parte de pai) e bisneta (por parte de mãe) de japoneses, Marjô registra em suas obras não apenas seus filhos, sobrinhos, avôs ou ela mesma..., mas registra também o que é ser brasileira.

Para adensar nesta questão, tomo aqui emprestado o conceito de episteme indígena da socióloga boliviana Silvia Rivera Cusicanqui sobre o mundo Ch'ixi - palavra aymara que segundo a socióloga significa cinza mosqueado, formado por uma infinidade de pontos pretos e brancos que se unem ao se observar de longe, mas que permanecem puros. Em síntese, ao analisarmos nossa identidade de maneira mais densa, notamos que não há homogeneidade, mas sim uma trama complexa de pontos e camadas que por vezes são contraditórias. Ao reconhecer isso, é possível aceitar e escutar os múltiplos eus que nos compõem.

Os povos brasileiros possuem identidade diversa e complexa. Em algumas ocasiões, a ancestralidade é mais presente e clara. Em outras, se faz necessária uma busca e uma reflexão mais aprofundada para entender os fios de nossa trama. E Marjô nos ensina sobre esta busca e reflexão em seus trabalhos.

Encerro este texto com mais um ensinamento da artista: “entendo que nos tempos em que vivemos, não há espaço para segregações, não existe o “nós” e “eles”, a história dos meus filhos é como a de muitos, filhos de uma nação múltipla e diversa, eles são brasileiros. Mas acima de tudo, somos todos frutos de uma mesma mãe: Mãe Terra.”

DIANA VAZ – painter, curator, cultural producer and partner at Pequena Galeria

[Sao Paulo - SP]

Being Brazilian

2021

In “I, Nikkei”, artist Marjô Mizumoto presents works that portray her family and daily life. Her painting seeks to rescue and update the art of portraiture, bringing back the grandeur of dimensions and the technique of oil painting; the symbols and stories that each element can tell; and the eternalization of a moment, which could have been lived by many other people.

In the words of the artist: “I am part of a story, although one still under construction. I believe that the simple act of living is political and the recording of life is the history we leave for future generations. The now is pure nostalgia, we want to keep words, moments, feelings, record everything we can today for tomorrow; we live by our memories, without them we almost don't exist.”

And it was in search of her own history and the memory of her ancestors that the artist began to reflect on her identity. Granddaughter (on her father's side) and great-granddaughter (on her mother's side) of Japanese people, Marjô records in her works not only her children, nephews, grandparents or herself..., but she also records what it means to be Brazilian.

To deepen this issue, I borrow the concept of indigenous episteme from Bolivian sociologist Silvia Rivera Cusicanqui about the Ch'ixi world, an Aymara word which, according to the sociologist, means mottled gray, formed by an infinity of black and white dots that unite when observed from afar, but which remain pure. In summary, when we analyze our identity more densely, we notice that there is no homogeneity, but a complex web of points and layers that are sometimes contradictory. By recognizing this, it is possible to accept and listen to the multiple selves that compose us.

Brazilian peoples have a diverse and complex identity. On some occasions, ancestry is more present and clear. In others, searching and deeper reflection are necessary to understand the threads of our web. And Marjô teaches us about this search and reflection in her works.

I close this text with another teaching by the artist: “I understand that in the times we live in, there is no room for segregation, there is no “us” and “them”, the story of my children is like that of many, children of a multiple and diverse nation, they are Brazilians. But above all, we are all fruits of the same mother: Mother Earth.”